

Slam como instrumento de reexistência da comunidade surda

Slam as an instrument for the re-existence of the deaf community

Luci Teixeira Iachinski de França  

lucitiachinski@gmail.com

Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil.

Maria Alzira Leite  

mariaalzira35@gmail.com

Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil

Resumo

O presente recorte de tese, que ainda está em andamento no programa de Doutorado em Educação da Universidade Tuiuti do Paraná, tem como objetivo apresentar um panorama de como a poesia slam tem sido instrumento de fortalecimento identitário e de reexistência da comunidade de surdos no Brasil. O slam é um gênero literário que chega ao país vindo dos Estados Unidos e vem ganhando espaço na comunidade surda brasileira. Para atingir os objetivos aqui expostos foram examinados três poemas slam declamados por poetas (slammers) surdos. Para o desenvolvimento deste estudo privilegiou-se a pesquisa qualitativa, do tipo exploratória e descritiva e de procedimento bibliográfico. A abordagem teórica privilegiará o letramento de reexistência, literatura e cultura surda. Resultados preliminares indicam que a poesia slam contribui para um cenário de reconhecimento e pertencimento da cultura e da literatura surda, que tem transgredido a ordem social ouvinte.

Palavras-chave: Slam. Fortalecimento identitário. Cultura surda.

Abstract

This thesis clipping, which is still in progress in the Doctorate in Education program at Universidade Tuiuti do Paraná, aims to present an overview of how slam poetry has been an instrument of strengthening identity and reexistence of the deaf community in Brazil. Slam is a literary genre that arrived in the country from the United States and has been gaining ground in the Brazilian deaf community. To achieve the objectives set out here, three slam poems recited by deaf poets (slammers) were examined. For the development of this study, qualitative research, of an exploratory and descriptive type and bibliographical procedure,



10.23925/2318-7115.2024v45i2e64521



was privileged. The theoretical approach will privilege re-existence literacy, literature and deaf culture. Preliminary results indicate that slam poetry contributes to a scenario of recognition and belonging to deaf culture and literature, which has transgressed the hearing social order.

Keywords: Slam. Identity strengthening. Deaf culture.

1. Introdução

O slam é uma competição poética na qual os poetas (slammers) recitam um trabalho de autoria própria, que passa por uma comissão que qualifica e julga tais performances e escritos. Slam, segundo Costa (2020, on-line), tem origem na língua inglesa e “significa batida, uma onomatopeia do som do impacto – ou choque de superfícies, como por exemplo uma batida de porta – termo propício ao efeito que a expressão artística do Slam Poetry nos provoca. Impacto”! As poesias abordam temas contemporâneos e sociais, baseados na vivência dos poetas. Segundo Santos (2018, p. 3), o slam trata-se de uma competição de poesia falada (e neste caso, sinalizada) performática em que poetas recitam um trabalho de autoria próprio. Ainda segundo a autora, a poesia, além de abordar temas contemporâneos e sociais, coloca em debate questões - como no caso dos surdos - o levante quanto ao respeito linguístico, visto que são de uma comunidade que faz uso de uma língua visual-espacial. Além disso para competir os slammers, surdos e ouvintes devem estar cientes, para outras normas que devem ser seguidas. Domingues (2023) destaca que dentre as regras, o texto tem de ser inédito, não pode ser baseado em outro que já existe, e o slammer não pode fazer uso de adereços teatrais e instrumentos musicais, usando somente a letra, Libras, declamação e movimentos corporais.

No entanto, nem sempre o slam teve esse caráter de competição. Nos anos 90 era como um sarau onde se declamavam as poesias. Porém, segundo Santos (2018, p. 1), o Slam Poetry com caráter de competição foi criado pelo americano Marc Kelly Smith, um trabalhador da construção civil e poeta, que com o intuito de dar mais visibilidade ao movimento incentivou as competições que hoje ocorrem regional, nacional e mundialmente. Smith e Kraynak (2009), porém, afirmam em sua obra *Take the mic : the art of performance poetry, slam, and the spoken word* que o slam não é simplesmente uma competição poética - é mais do que isso, pois o possui uma base e está alimentada em poesia, performance, competitividade, interatividade e comunidade. Ainda segundo os autores, esses cinco elementos são considerados no ato da declamação poética. Segundo Santos (2018, p. 1) com o passar do tempo o Slam Poetry é influenciado pelo movimento

Hip Hop, e a ele agregaram-se diversas outras temáticas, ampliando assim discussões sobre situações sociais como racismo, machismo, LGBTfobia e diversas desigualdades. Esse movimento tem se ampliado para diversos lugares, inclusive na América Latina.

No Brasil, o slam ganhou destaque a partir do ano de 2010 com o grupo Corposinalizante, e na comunidade surda foi a partir de um curso de formação para jovens surdos denominado Aprender para Ensinar, realizado por Cibele Lucena e Joana Zats Mussi no Museu de Arte Moderna de São Paulo (Araújo, 2020, p. 12). Esse curso era formado por surdos e ouvintes e desde o início houve esta vivência conjunta. Sendo assim, o slam possibilita uma parceria linguística entre surdos e ouvintes, em que se fundem a língua sinalizada e a oralizada, mesmo sendo tão distintas em suas gramáticas, pois uma é oral-auditiva, e a outra é visual-espacial. A Libras é uma língua que se manifesta visualmente, usando muitas expressões faciais e corporais, o que muitas vezes pode ser confundida como sendo apenas gestos sem sentido ou significados. Cada gesto e expressão, no entanto, faz parte da gramática dessa língua, o que possibilita aos surdos transmitirem suas emoções e sentimentos por meio da Libras. Neste sentido Desiderio e Jardim (2021, p. 132) apontam que “no Brasil, os poemas performáticos do slam são apresentados pelos poetas surdos em duas línguas simultaneamente: a Libras e o Português, possibilitando a disseminação e a partilha da literatura surda com surdos e ouvintes.

2. Letramento de reexistência

Sendo o slam uma poesia de origem periférica apresentamos como embasamento teórico a concepção de letramento por Brian Street e "letramentos de reexistência" por Ana Lúcia Silva Souza.

Para Brian Street (2014, p. 18), “práticas de letramento” igualmente se referem ao comportamento e às conceitualizações sociais e culturais que conferem sentido aos usos da leitura e/ou da escrita. Segundo o autor, o letramento é influenciado pelos contextos sociais, culturais, políticos e econômicos em que ocorre. Ainda nessa linha, segundo Castanheira (2014), o conceito de “práticas de letramento” defendido por Street, torna possível a ampliação, detalhamento da análise e interpretação das práticas sociais que envolvem a linguagem escrita e das concepções de escrita e leitura predominantes num grupo social.

Nesse sentido surge o conceito de letramento de "letramentos de reexistência" de Souza (2011, p. 36), um "conjunto de práticas sociais da língua escrita e oral mostra-se não linear, multimodal, heterogênea e crítica" que "responsivamente questionam, contestam, criam e propõem alterações nos moldes e nos espaços já ratificados e socialmente legitimados em relação aos usos da linguagem em sociedade."

Para Souza, os letramentos de reexistência são singulares pois

ao capturarem a complexidade social histórica que envolve as práticas cotidianas de uso da linguagem, contribuem para a desestabilização do que pode ser considerado como discursos já cristalizados em que as práticas validadas sociais de uso da língua são apenas as ensinadas e aprendidas na escola formal (Souza, 2011, p. 36).

Ainda segundo a autora, os letramentos de reexistência são a

reinvenção de práticas que os ativistas realizam reportando-se às matrizes e aos rastros de uma história ainda pouco contada nos quais os usos da linguagem comportam história de disputa pela educação escolarizada ou não (Souza, 2011, p. 37).

Ambos os autores fazem com que busquemos a refletir a função da poesia slam na comunidade surda, pois ela trata das questões práticas e cotidianas da língua. Souza (2011, p. 37) ainda reflete que o letramento de reexistência não menospreza a academia, mas que ele leva em consideração a vivência histórica, linguística e cultural dos sujeitos.

3. Literatura e cultura surda

Segundo Karnopp (2010, p. 159), mesmo com as legislações e os incentivos de propostas educacionais ainda existe uma "luta histórica tentando fazer valer a diferença linguística e cultural que lhes é devida" e não está presente somente nos ambientes escolares e acadêmicos, mas também nos ambiente midiáticos, bem como, nos diferentes artefatos culturais. Ainda segundo a autora, há de se lidar com a visão de uma única forma linguística e universalização da cultura, o que pode ocasionar o apagamento das manifestações e os surdos acabam sendo vistos como algo exótico e "especial". Um dos motivos é que existe ainda muita dificuldade em registrar por meio de pesquisas as produções literárias surdas pois segundo a autora:

pesquisas que objetivam registrar, escrever, filmar e divulgar a produção literária de surdos, encontram, em geral, os seguintes dilemas: as dificuldades da tradução da experiência visual ou, talvez, o desconhecimento da língua de sinais e das situações cotidianas dos narradores, do significado de suas lutas, de sua língua, dos costumes e das situações bilíngues (Karnopp, 2010, p. 159).

O fato é que produções literárias e artísticas surdas existem na comunidade surda e é por meio destas que os surdos se manifestam artística e culturalmente, realizam por meio dessa arte, críticas ao passado e ao presente, e vislumbram por meio dela sua história através da visão do ser surdo.

Para Strobel (2008a, p. 22), “é por meio da cultura que um povo se constitui, integra e identifica as pessoas e lhe dá o carimbo de pertencimento, de identidade” e a existência de uma cultura surda ajuda a construir as identidades das pessoas surdas dentro da sociedade. Complementando o pensamento de Strobel, Morgado (2014, p. 5) afirma que é por meio da comunicação que nós indivíduos expressamos nossa identidade, “opiniões e intenções, e as confrontamos com outros indivíduos oriundos de contexto culturais distintos”. Ainda sobre essa temática Strobel, em sua tese de doutorado, discorre sobre a cultura deste grupo, afirmando que “retrata a vida que os surdos levam, suas conversas diárias, as lições que ensinam entre si, suas artes, seus desempenhos e seus mitos compartilhados, seu jeito de mudar o mundo, de entendê-lo e de viver nele” (2008b, p. 59-60).

A autora reflete ainda sobre a história da cultura dos surdos e afirma que existem dentro dela artefatos culturais particulares deste grupo, quais sejam: “a experiência visual, linguística, literatura surda, vida social, esportiva, artes, políticas e outros” (2008b, p. 61).

Para Geertz (1989, *passim*), a cultura é compreendida por meio da interpretação de símbolos e significados compartilhados. A arte, incluindo dança, música, pintura e literatura, é uma forma de expressão cultural que contém significados profundos e simbólicos. Ainda segundo o autor, ao analisar essas manifestações artísticas, é possível compreender aspectos fundamentais da cultura de um povo. Essas manifestações artísticas são fontes de debates e reflexões sobre sua cultura.

Reflexões as quais Santos *et al* (2020, p. 39) relatam que tanto os “espectadores do *slam*, assim como os *slammers*, produzem reflexões libertadoras” e que isso faz com que os permitam “enxergar as políticas e ideologias dominantes criadas pelos Aparelhos Ideológicos de Estado, que servem como mecanismos de posicionamento dos sujeitos na sociedade”.

Por meio da arte que podemos exprimir nossas indignações, sensações, revoltas e felicidades. A literatura, por exemplo, vem ao longo dos anos deixando de ser algo da maioria ouvinte e a cada dia mais encontramos obras produzidas pela comunidade surda. Contudo, ainda

existe uma barreira linguística. Um dos meios de produção e divulgação da poesia em Libras, por exemplo, são os vídeos postados nas plataformas digitais que, apesar de serem de fácil acesso, não são difundidos pela falta de conhecimento do público em relação à língua de sinais.

Em relação ao uso das plataformas digitais, Morgado (2014, p. 5) reflete que esse uso possibilita uma integração “econômica mundial [...] com alcance sem precedentes” - o que pode ocasionar ao mesmo tempo “profundos sentimentos de desconexão, insegurança e segregação”. A autora salienta, no entanto, que essas novas tecnologias não vêm apenas para servir ao mercado financeiro, mas que pode “proporcionar novos fluxos de experimentação artística e oportunidades de valorização de tradições culturais específicas”, isso atrelado a nova combinação do uso criativo desses “recursos científicos e tecnológicos” (Morgado, 2014, p. 5).

A literatura surda, assim como as demais, deveria ocupar os mesmos espaços - no mercado, em sala de aula, na mídia - para que surdos e ouvintes tivessem acesso, especialmente para os estudantes surdos, já que a arte e a literatura têm também a característica de instrumento de empoderamento identitário. Nesse sentido os autores surdos Mourão (2011, p. 36) e Strobel (2016, p. 61) afirmam que a literatura surda é um artefato cultural da comunidade surda e Mourão (2011, p. 36) complementa que ela é também um processo, visto que as pessoas surdas participam da literatura, que assim está constantemente mudando, e que a forma dessa arte é uma troca social na qual os artistas e seu público a constroem juntos.

Para Rachel Sutton-Spence (2021, p. 26), a manifestação literária surda, original na língua de sinais - aquela que não passou pelo processo de tradução das línguas orais para língua visual - tem maior valor para a comunidade sinalizante, uma vez que essa trará a experiência, a vivência do sujeito, o ser surdo. O surdo vivencia desse modo essa experiência assim como os ouvintes. Segundo a autora, a importância dessa forma literária deve-se ao fato de que nem todas as vivências serão iguais para surdos e ouvintes. Sobre isso, ela destaca que alguns aspectos são:

particulares de pessoas surdas (como a resistência à opressão pela sociedade dos ouvintes, os problemas de educação dos surdos, as alegrias de conhecer a Libras, a experiência visual do mundo dos surdos e os sucessos da comunidade surda). Seja qual for o assunto, a literatura mostra a perspectiva visual de uma pessoa surda através da língua de sinais (Sutton-Spence, 2021, p. 27).

Ao longo do texto de Sutton-Space, percebemos que a literatura aponta que podemos encontrar criações literárias produzidas pela comunidade surda não apenas no meio acadêmico, mas nas ruas, teatros e festivais, especialmente em manifestações de cultura periférica

demonstrando que surdos estão a cada dia ocupando espaços na sociedade. No entanto, mais uma vez esbarramos na falta de acessibilidade linguística quanto à divulgação das obras em língua portuguesa uma vez que essa é uma língua não acessível para uma grande camada da população surda. Assim como toda sociedade necessita consumir arte, a comunidade surda vem ao longo dos anos buscando outras maneiras de ter contato com ela em uma interação tanto com seus pares como com os ouvintes, pois a arte *slam* é acolhedora e aceita todos como são. Para demonstrar o quão ativa essa comunidade está, vamos apresentar aqui o que é a arte e poesia *slam* produzida por surdos e como essa manifestação artística vem se destacando como um instrumento de reexistência desta comunidade.

O *slam* surdo é uma parceria linguística entre surdos e ouvintes, em que se fundem a língua sinalizada e a oralizada, mesmo sendo tão distintas, pois uma é oral-auditiva, e a outra é visual-espacial. A Libras é uma língua que se manifesta visualmente, usando muitas expressões faciais e corporais, as quais, muitas vezes podem ser confundidas como sendo apenas gestos sem sentido ou significados. Cada gesto e expressão, no entanto, faz parte da organização gramatical dessa língua. Destacamos aqui que o *slam* é originalmente parte da cultura ouvinte, mas tem sido utilizado como instrumento de fortalecimento identitário e de reexistência de uma parcela da comunidade surda. Para evidenciar que o *slam* de fato faz parte de uma parcela da comunidade surda como os objetivos de reexistência e fortalecimento identitário, neste recorte de tese fez-se a escolha de três poemas a fim de que sejam analisadas as performances, observando as representações concebidas pelos *slammers* que venham de encontro ao fortalecimento sua luta de resistência em prol de seu empoderamento identitário. Destaca-se que os surdos são sujeitos pertencentes a uma comunidade linguística e cultural distinta da dos ouvintes, e com isso queremos dizer que ao analisarmos os poemas sempre será considerada a língua dessa comunidade em aspectos linguísticos e culturais.

4. Metodologia

O trabalho é uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, apoiado em etnografia de tela. Segundo Assis et al (2016, p.1) a etnografia de tela é “uma pesquisa qualitativa, por meio da qual se assiste e analisa uma narrativa fílmica, a fim de realizar um diálogo não apenas objetivo de captação de dados, mas de interpretação subjetiva dos elementos que compõem a obra”.

Segundo Sousa et al (2021, p. 66), uma pesquisa bibliográfica baseia-se no estudo da teoria já publicada, assim é fundamental que o pesquisador se aproprie no domínio da leitura do conhecimento e sistematize todo o material que está sendo analisado. Ainda segundo os autores, a “pesquisa bibliográfica é o levantamento ou revisão de obras publicadas sobre a teoria que irá direcionar o trabalho científico” e a realização da pesquisa bibliográfica o pesquisador deve ler, refletir e escrever sobre o que estudou, se dedicar ao estudo para reconstruir a teoria e aprimorar os fundamentos teóricos.

Esta pesquisa se deu através da seleção de vídeos previamente publicados sobre a poesia slam dentro da comunidade surda. Para dar conta das questões postas nesta pesquisa, a revisão de literatura selecionou três poemas sobre o tema para fossem analisados. Na metodologia, tendo em vista a análise, foram escolhidos três poemas em Libras traduzidos para a língua portuguesa. Para a seleção dos vídeos, o critério de inclusão foram vídeos que já se encontravam com a tradução de voz da Libras para a Língua Portuguesa (LP).

A busca pelos poemas partiu das palavras “slam surdo” no YouTube. Os poemas escolhidos foram "Eu sou surda e tenho a minha voz, não preciso falar sua língua pra ter voz!" de Catharine Moreira e Amanda de Lima; “O surdo tem mãos, o surdo tem voz” de Kizy Poeta, e “Negro surdo” de Edinho Carmo. Os quais encontram-se disponíveis no Apêndice.

Em um primeiro momento, os poemas aqui apresentados são bastante diversos, sendo duas slammers e um slammer. Sendo poetas do gênero masculino e feminino, existe a suposição que os temas abordados podem ou não ser distintos – e este é um dos aspectos abordados pelo gênero slam, o acolhimento da diversidade (Santos, 2018).

5. Análise e discussão

Ao analisarmos os textos, no entanto, podemos observar a recorrência da ideia de “falta de comunicação”, a falta de acessibilidade comunicacional – esta que sempre foi a pauta da comunidade surda ao longo da sua existência e que mesmo com a legislação vigente (desde 2002) ainda é a principal reivindicação dessa comunidade.

Poema 1

"Eu sou surda e tenho a minha voz, não preciso falar sua língua pra ter voz!" de Catharine Moreira e Amanda de Lima no Programa Manos e Minas (TV Cultura)

Nasceu surda em um mundo de ouvintes cresceu muda numa sociedade de cegos tudo o que tinha de seu não tinha lugar nem direito vivia encarcerada numa cela que chamavam a família carcereira

não era de muita conversa cala a boca Catharine para de mexer essas mãos fica parecendo um macaco de estimação que você pensa que vai fazer no futuro vai trabalhar com o que vai o quê trabalhar num circo não você precisa aprender a falar português mas que nem gente normal entendeu você precisa ser mais normal Catharine eu tenho vergonha de andar na rua com você, você fica lá (sons de macaco) as pessoas ficam olhando você é preguiçosa né você não aprende português porque não quer é burra é por isso é tão fácil é fácil você abre a sua boca e fala abre a boca e fala não você não usa a sua mão ler a minha boca aqui ó abre a boca e fala abra essa boca **chega esse seu mundinho ridículo de normalidade quem você pensa que é viver nessa falsa identidade eu sou surda tenho a minha voz não preciso falar sua língua para ter voz.**

Como podemos observar no poema 1, Catharine Moreira inicia afirmando que nasceu surda e cresceu muda em mundo de cegos. Realidade da maioria dos surdos brasileiros, pois a maioria nasce em família de pais e familiares ouvintes. Quando a *slammer* fala sobre “crescer muda”, isso pode fazer referência ao fato de que não existe comunicação em sua língua, e isso a faz ser muda no mundo, pois não consegue ser entendida na sua língua de comunicação que é a Libras. E quando a língua oral lhe é imposta, quando sua língua é menosprezada, ela reage e falando que tem sua própria língua e sua identidade, mostrando assim seu empoderamento e resistência de mulher surda. Nesse sentido Santos relata que:

peças surdas passaram por procedimentos violentos, dolorosos, inclusive tendo mãos amarradas no ambiente familiar e em instituições de ensino, sendo impedidas de se expressar por meio das línguas de sinais. Em prol do que a sociedade ouvinte entende por “normalidade”, a oralização prevalecia como método de ensino-aprendizagem. Entretanto, mesmo com esse histórico, os gestos e a sinalização prevaleceram e atravessaram gerações, criando linguagens corporais presentes na população e na comunidade surda, é possível pensar nos gestos, na sinalização, que passou e passa por gerações, presentes na população e comunidade surda (Santos, 2018, p. 4).

Poema 2

“O surdo tem mãos, o surdo tem voz” de Kizy Poeta

Olhe nos meus olhos há um vermelho sangue que escorre em meu rosto você vê o sangue escorrendo pelo meu pescoço você vê essas marcas no meu rosto elas escondem a menina que um dia fui sedenta por futuro inebriada pelos sonhos, sonhos amassados por você destruídos por você eu quero ser uma professora não 4 vezes foi seu combino na negação por que sou surda porque sou negra as mesmas mãos que me amaram me marcaram pela dor da agressão só porque

não gosta da minha língua só porque despreza quem eu sou me usa me usa como uma boneca descartável como um robô a angústia toma conta de mim eu não consigo denunciar como lutar como me livrar dessa angústia, na delegacia não tem Acessibilidade o medo tomar conta de mim, a dor a angústia, eu sou mulher surda, eu não posso desistir resistência, eu não vou cair resistência, eu vou lutar até o fim e vou conseguir¹.

A *slammer* Kizy inicia o poema dizendo “olha nos meus olhos”, e cabe salientar aqui que a visão e os olhos são essenciais para o surdo, já que a Libras é uma língua visual-espacial. Na sequência, o texto remete a uma denúncia sobre a violência pela qual as mulheres surdas, brancas e negras passam. Nesse contexto, a poeta ressalta, também, a falta de acessibilidade linguística para uma possível denúncia. Nesta obra pode-se interpretar, assim como na primeira, a falta de aceitação da Libras e da surdez pela sociedade ouvinte e que é por meio da arte produzida na sua língua que a artista está fazendo denúncias e se empoderando. Ainda fazendo referência a Santos (2018, p. 5) ela argumenta que a poesia surda “que se expressa através das mãos, do corpo, também é pensar no ato incansável de luta e resistência das populações e comunidades surdas pelo seu empoderamento linguístico e identitário”.

Poema 3

“Negro surdo” de Edinho Carmo

Vocês conhecem poesia? Eu trago poesia de periferia, poesia de favela, identidade negro surdo, a cidade me alveja com seus sons, com suas luzes, com suas faíscas são como estrelas caídas no chão. A polícia com seu...inaudível...adora pegar preto, abordar pegar, amordaçar e algemar se trancam minhas mãos trancam minha fala, como comunico? Como me explico? Eu preciso das minhas mãos para falar a polícia não entende a comunicação não funciona, não fala a nossa língua, não tem referência não sabe Martin Luther King e não sabem Mandela não sabem Conceição Evaristo, Dandara, não sabem Zumbi dos Palmares, eles não sabem, eu tô aqui, eu sou a referência, sou negro, sou surdo e eu dissemino, identidade negro surdo, alvejado pelo som “Ogunhê” pela cidade a polícia persegue não tem empatia eu pela cidade recebo sons recebo tudo e me esquivo

¹ IZY POESIA - Poesia Falada

TV FUNESC. Slam sinalizado: o surdo tem mãos, o surdo tem voz – Kizy Poesia. Duração: 20min41s. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=BxUBgfgxm_o. Acesso em: 04 jun. 2023.

no caminho “Ogunhê”, Ogum sinaliza Ogunhê Ogum no meu caminho vai abrindo, Ogunhê! Salve Ogum! Ogunhê! Salve, sinalize em Libras com sua espada para eu passar!²

Em um primeiro momento, acreditamos que o *slammer* Edinho, no poema 3 aqui apresentado, trata de uma temática diferente. Porém, ao nos atentarmos para o texto quando se refere a “cidade me alveja com seus sons”, “com suas luzes”, “com suas faíscas são como estrelas caídas no chão”, nitidamente nos remetemos a cultura majoritária ouvinte, a violência linguística a qual os surdos são submetidos. A palavra *alveja*, poeticamente, dá a dimensão da angústia do poeta na sociedade onde vive. Os tópicos seguintes remetem a corpos alvejados e caídos no chão. Santo) relata que Edinho é um *slammer*, um poeta que constantemente afirma a sua identidade enquanto surdo e negro em suas poesias e que

a poesia surge então, não só como uma ferramenta a ser utilizada para que o sujeito exprima suas subjetividades, mas também como espaço para reflexão acerca das suas vivências, experiências e identidades, que podem partir do individual, e que se relaciona diretamente com o coletivo, como o sujeito se vê socialmente e como a sociedade o vê (Santos, 2018, p. 5).

Mais adiante no texto fica claro a denúncia da ação policial nas comunidades e favelas, e quem são os atingidos. E a seguir vemos mais uma vez a denúncia da violência linguística em que as mãos dos surdos são algemadas. Mãos dos surdos algemadas é o equivalente às gargantas dos ouvintes estranguladas. Outro aspecto apontado pela autora como características presente na poesia de Edinho é o racismo institucional que na poesia Negro Surdo analisado pela autora, fica evidente tanto quanto na poesia analisada aqui “o principal operador de opressão a polícia”, mas também a temática pode se expandir “para outros setores institucionais públicos e/ou privados que não estão preparados para a comunicação com pessoas surdas, tampouco com o ideal de inclusão e acessibilidade” (Santos, 2018, p. 5). Além disso, também estão presentes no poema questões religiosas, mais especificamente da matriz africana.

Considerações Finais

O propósito das análises dos poemas aqui apresentados foi demonstrar esta arte periférica sendo utilizada como prática de letramento de reexistência e fortalecimento identitário

² CARMO, Edinho. Poesia Negro surdo. YouTube, 17 de novembro de 2017. Duração: 2min36s. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_iPayPxxh-h8&t=2s. Acesso em: 04 jun. 2023.

dessa comunidade. Souza (2011, p. 36) alega que na prática de letramento de reexistência acontece quando o sujeito passa a contar suas histórias de vida e vivência por eles mesmos, pela sua língua, voz e arte.

Como pudemos perceber no decorrer do texto, os surdos vêm fazendo uso da poesia slam, que é de origem periférica, um instrumento de letramento de reexistência. Segundo Souza (2011), esse letramento é expressivo inclusive fora da sala de aula, e se expressa pela comunidade que quer contar sua própria história de luta pelo acesso à educação e socialização. Segundo a autora, esse letramento não menospreza a vida e o conhecimento adquirido em sala de aula; ele vem para descristalizar o discurso pronto, que contraria o discurso de que os surdos não se expressam e não tem língua nem cultura própria. O que falta é acesso linguístico para a difusão da literatura e demais manifestações produzidas por eles, mostrando que por meio da arte slam eles manifestam reexistência na sociedade ouvinte.

Para Sutton-Spence (2021, p. 05), a literatura surda em Libras é fundamental para a expressão dos surdos em sua própria língua, e compreender a arte feita na sua língua é um direito dos surdos. A autora aponta, ainda, que o contato com apenas alguns textos da literatura surda não é o suficiente para conhecê-la: para compreender sua importância, é necessário estudar obras de diversos tipos (2021, p. 18). Ainda segundo Sutton-Spence, esse campo tem se ampliado, quanto mais pessoas pesquisarem e publicarem sobre esse assunto, mais a arte em Libras será promovida.

Aos poemas aqui apresentados cabem, ainda, muito mais análises tais como questões relacionadas a estética, rima e performances entre tantas outras características inerentes às poesias. Neste recorte da tese, no entanto, evidenciamos uma das formas que a comunidade surda usa a arte: para fazer denúncias e promover cultura por meio da sua língua e com isso fortalecer sua identidade. As denúncias perceptíveis nas poesias vão desde o protesto pelo não acesso linguístico dessa comunidade até questões como racismo, sexismo e violência doméstica. Ao percebermos isso, ao longo dos poemas slam, é visível a importância dessa arte para a reexistência surda, já que o slam proporciona ao surdo ser protagonista da sua própria história, língua e arte. Os resultados apontam para um cenário de reconhecimento da cultura e da literatura surda que vem transgredindo a ordem social ouvinte por meio dessa arte chamada slam.

Referências

ARAÚJO, Danielle Reis; NASCIMENTO, João Paulo da Silva. Slam surdo: expressão contemporânea da literatura brasileira?. **E-Scrita**: Revista do curso de Letras da Uniabeu, Nilópolis, v. 12, janeiro-junho 2021. Disponível em: www.revista.uniabeu.edu.br/index.php/RE/article/view/4131/pdf. Acesso em: jun. 2023.

ASSIS, Amanda Nunes De et al.. Se as paredes pudessem falar: uma etnografia de tela sobre as representações sociais de casais lésbicos. **Anais XII CONAGES...** Campina Grande: Realize Editora, 2016. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/18695>. Acesso em: 15/11/2023

CARMO, Edinho. **Poesia Negro surdo**. YouTube, 17 de novembro de 2017. Duração: 2min36s. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_iPayPxxh-h8&t=2s. Acesso em: 04 jun. 2023.

CASTANHEIRA, Maria Lúcia; STREET, Brian. Práticas e eventos de letramento. In: **Glossário Ceale**: Termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para Educadores. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/praticas-e-eventos-de-letramento>. Acesso em: 7 set. 2023.

COSTA, Vicente. Slam Poetry – Batalhas de Poesia. In: **SESC Rio**. Rio de Janeiro, 23 jul. 2020. Disponível em: <https://sescrrio.org.br/noticias/cultura/slam-poetry-batalhas-de-poesia>. Acesso em: 30 nov. 2023.

DOMINGUES, Suélen. Slam. **Todo Estudo**. Disponível em: www.todoestudo.com.br/literatura/slam. Acesso em: 14 de setembro de 2023.

DESIDERIO, Themis Farias; JARDIM, Alex Fabiano Correia. Poesia slam surda: uma literatura de resistência. **Revista Espaço**, Rio de Janeiro, ed. 56, p. 127-144, jul-dez 2021. Disponível em: <https://seer.ines.gov.br/index.php/revista-espaco/article/view/1663/1630>. Acesso em: 16 nov. 2023.

GEERTZ C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro (RJ): Livros Técnicos e Científicos; 1989.

KARNOPP, Lodenir Becker. **Literatura Surda**. ETD. Educação Temática Digital, v. 7, p. 102, 2006.

KARNOPP, Lodenir Becker. Produções culturais de surdos: análise da literatura surda. **Cadernos de Educação**, FaE/PPGE/UFPEL, Pelotas, p. 155-174, maio/ago. 2010. Disponível em: <http://ufpel.edu.br/fae/caduc/downloads/n36/07.pdf>. Acesso em 01 set. 2023.

MORGADO, A. C. As múltiplas concepções da cultura. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, v. 4, n. 1, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/81244>. Acesso em: 19 ago. 2023.

MOREIRA, Catharine; LIMA, Amanda de. **Slam do Corpo – Voz**. Programa Manos e Minas. TV Cultura. Duração: 2min15s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xa6QRd304VU>. Acesso em: 04 jun. 2023.

MOURÃO, Claudio Henrique Nunes. **Literatura Surda**: produções culturais de surdos em língua de sinais. In: KARNOPP, L.; KLEIN, M.; LUNARDI-LAZZARIN, M. (org.). **Cultura Surda na contemporaneidade**. Canoas: Editora ULBRA, 2011. P. 71-90

SANTOS, Natielly de J. **O Slam do Corpo e a representação da poesia surda**. Revista De Ciências Humanas, 18(2). Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/8688>. Acesso em: ago. de 2023.

SANTOS, Rhaul; GRIGOLOM, Gabriela; MEDEIROS, Jonatas. Slam Resistência Surda – Curitiba: Movimento E Poesia. **Revista Espaço**, Rio de Janeiro, ed. 54, p. 31-52, jul-dez 2020. Disponível em: <https://seer.ines.gov.br/index.php/revista-espaco/article/view/1625>. Acesso em: 16 nov. 2023.

SILVA, C. R. da. A identidade coletiva do slam poetry. **Plural**, [S. l.], v. 29, n. 01, p. 232-253, 2022. DOI: 10.11606/issn.2176-8099.pco.2022.190713. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/190713>. Acesso em: 14 nov. 2023.

SILVA, C. R. da. **Slam poetry: poesia performática, política e educação**. Orientador: Profa. Dra. Cristiana Losekann. 2020. 106 p. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Ciências Sociais) - Centro De Ciências Humanas E Naturais, Vitória, ES, 2020. Disponível em:

<https://referenciabibliografica.net/a/pt-br/ref/abnt>. Acesso em: 30 nov. 2023.

SMITH, Marc Kelly; KRAYNAK, Joe (2009). **Take the mic: the art of performance poetry, slam, and the spoken word**. Naperville: Sourcebooks Media Fusion.

SOUSA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da FUCAMP**, São Paulo, ano 2021, v. 20, n. 43, ed. 43, p. 64-83, 8 mar. 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2336>. Acesso em: 3 abr. 2023.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramento da reexistência**. Poesia, grafite, música, dança: hip-hop. São Paulo: Parábola, 2011.

STREET, Brian. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. Tradução: Marcos Bagno. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2014.

STROBEL. Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora UFSC, 2008a.

STROBEL. Karin. **Surdos: Vestígios Culturais não Registrados na História**. Florianópolis, 2008b. Tese de Doutorado em Educação – UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/91978/261339.pdf>. Acesso em: setembro. de 2023.

SUTTON-SPENCE, Rachel. **Literatura em Libras**. Petrópolis/RJ: Editora Arara Azul, 2021. Disponível em: <https://editora-arara-azul.com.br/site/produtos/detalhes/127>. Acesso em: jul. 2023.

SANTOS, Natielly de J. **O Slam do Corpo e a representação da poesia surda**. Revista De Ciências Humanas, 18(2). Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/8688>. Acesso em: setembro. de 2023.

TV FUNESC. **Slam sinalizado: o surdo tem mãos, o surdo tem voz** – Kizy Poesia. Duração: 20min41s. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=BxUBgfgxm_o. Acesso em: 04 jun. 2023.